

# Harmonias do Coração de Maria

## Capitulo II. — O Coração de Maria, coração de virgem.

Além de a pureza virginal do Coração de Maria ser princípio de inteligência para Ella mesma, também o é para nós que de maneira especial e com maior transparencia que em outra creatura vemos revelada nelle a sabedoria de Deus e a ordem sobrenatural.

Dous effeitos contribuíram principalmente a esta manifestação esplendida que Deus fez de seu poder e de sua intervenção natural no Coração de Maria: o amor e a dôr.

Pelo amor, o Coração de Maria arrancou do seio do Padre Eterno o Verbo de Deus e o attrahiu a suas entranhas puríssimas, cubrindo-o com o véu de nossa natureza para que por este meio fosse visível e acessível aos homens, e os olhos destes não fossem ofuscados com os resplendores infinitos da Divindade. Por isso este amor ardentíssimo que nos tornou tão visível e palpavel a Sabedoria eterna, foi um amor todo virginal, um amor puríssimo e simplicíssimo que não era composto de outros elementos senão de Deus e do coração que o amava; era um amor o mais semelhante, pela inteireza e unidade, ao que Deus tem de si mesmo; amor que, por isso, era o mais fiel re-

verbero do amor eterno de Deus, causa da grande obra da Encarnação. De arte que o mesmo amor de Deus, concebido no seio da Beatíssima Trindade, e com toda sua pureza infundido no Coração de Maria, foi a causa da manifestação mais grandiosa do poder e da sabedoria de Deus, da apparição mais luminosa da ordem sobrenatural que foi aquella que se ostentou na união infavel da natureza humana com a divina, na formação do Homem Deus.

Noutra cousa tambem revelou-se de modo inexplicavel a ordem sobrenatural no Coração de Maria: na sublimidade e na fortaleza de sua dôr. Este sentimento, quando é acompanhado de certas circumstancias, é tal vez o mais sublime, aquelle em que mais claramente resplandece o caracter divino e sobrenatural que o realça. A qualidade reparadora, o caracter de expiação de que a dôr vai revestida, fizeram que nosso divino Salvador a adaptasse para a grande obra que realizou com suas mãos, para a obra da Redempção. Por isto, embora tomasse um corpo e um coração que inteiramente concordavam com as nobres inclinações de sua alma santíssima, quiz estar sujeito ás dôres e á

morte, porque da expiação dolorosa dependia a reparação do genero humano, e nella se manifestava mais visivelmente a Sabedoria infinita.

A scena do Calvario é scena de dôres, e esta scena de dôres é depois da Encarnação a mais sublime que tenha existido, porque é depois della, a expressão sensível e maior do infinito e a apparição mais visível da ordem sobrenatural. Contempla-a por um momento; eis ahí o Homem-Deus moribundo, pendente de uma cruz, consummando com suas dôres immensas a humana Redempção. Ante aquelle grandioso espectaculo, ante aquelle luto divino, ante aquella manifestação tão sensível da grandeza infinita de Deus e de uma ordem tão divina que brilhava harmonica entre as maiores dissonancias, o Centurião e os soldados, cheios de terror, confessam sua divindade, o povo deicida se afasta daquelle logar imponente, ferindo-se os peitos de dôr e os que tinham resistido á evidencia gloriosa dos milagres de Jesus Christo, confessam-no agora, quando o vêm expirar entre tormentos. Dest'arte foi a dôr santificada e realçada, e fôram convertidas em balsamo suave as lagrimas de nosso desterro.

Imitando Jesus Christo, o Coração de Maria que tinha de cooperar com Elle á nossa Redempção por meio de suas dôres, bem que ordenado e em completa harmonia com sua alma bem-ditissima, foi accesível aos padecimentos, e na profundidade dos mesmos e na constancia com que os supportou, revelou-se tambem por um modo admiravel a ordem sobrenatural. Por isso, Ella tambem estava presente á scena do Calvario, expiando com as dôres immensas de seu Coração as culpas e os peccados dos homens. Seu Coração de Virgem, isto é, seu Coração purissimo, todo de Deus e de todo submisso á sua vontade soberana, lá estava

immolando ao mesmo Deus o Coração materno, os affectos de Mãe, e era a dôr tanto mais acerba, quanto era mais puro e virginal, mais uno e intimo o amor que professava a seu Jesus. A espada de dôr traspassava e tendia a separar no Coração de Maria o que é inseparavel, pois quanto é maior a pureza e a simplicidade do amor, tanto é mais impossivel ferir o objecto amado sem quebrar e lacerar todas as fibras do coração que ama.



## A missão e os missionarios do jornalismo

### XIX.—A mulher e a imprensa

Ha hoje no mundo um problema que, como outros, tende a transformar a substancia viva da tradição e a feição particular da familia de tempos idos: é o problema do feminismo.

O feminismo, tal e como hoje se entende, pode definir-se: o conjuncto de theorias e practicas encaminhadas a melhorar o estado da mulher em si mesma e em ordem a suas funcções.

Duas hypotheses podem-se formular na questão do feminismo.

O feminismo que nega em todas as suas phases o sobrenatural e o feminismo que no principio, no meio e no fim do problema feminista affirma o sobrenatural.

O feminismo sem Deus, quer a restauração do paganismo e embora inconscientemente, pede de novo a escravidão como uma consequencia dessa modalidade.

Ninguem pode desprezar a mulher, pois a coisa mais repetavel na terra, depois de Deus, é uma mulher que tem o nome de mãe.

Entre tanto ha na questão feminista verdadeiros absurdos e para esses absurdos que se oppõem á compleição organica e á vida physica descamba o feminismo sem Deus.

E não é que não advoguemos pela dignidade e respeito da mulher; mas queremos a honra e gloria de seu sexo, a honra e a gloria da sua posição respectiva no mundo.

Não defendemos os absurdos de Platão e Aristoteles sobre a mulher.

Não aplaudimos os conceitos de Lutero que compara a mulher casada á condição de serva.

Não accetamos mesmo a doutrina do livre pensamento moderno que, emquanto quer a emancipação da mulher para honral-a, propugna com Proudhon a intrinseca inferioridade da mulher.

«O nivelamento dos sexos leva á dissolução geral, affirma Proudhon.

A philosophia pode assignar as palavras que Shakespeare numa das obras dramaticas põe na bocca dum marido dirigendo se á sua mulher: «Nem demasiado alta, nem demasiado baixa, senão na altura do coração».

E' esta a sua posição, sem procurar e gualdade fantastica com o homem na ordem economica, na ordem politica e na ordem social.

A mulher tem uma ordem especial.

Nesta ordem especial em que a mulher sem tyrannias nem escravidão domina tudo, é ahí que nós queremos a sua influencia para trabalhar pela Boa Imprensa.

Não a queremos dirigindo jornaes, embora o possa alguma vez fazer vantajosamente.

Não a queremos perorando nas ruas, nem fallando nas Camaras.

Queremos a mulher infiltrando-se suave e modestamente levando o pedaço de pão e a folha avulsa ao hospital, á cadeia, ao salão elegante, ao gabinete do litterato e á officina do operario.

A mulher christã sabe que mais do que ao dinheiro pode dar-se a soberania hoje á imprensa.

Uma das heroínas de Jorge Sand, a personificação da mulher emancipada, diz aos seus livros e pode se applicar aos jornaes: Virastes a minha vida, deverieis ter mudado a minha sorte.

A mulher christã deve lembrar se do que affirma Paul Bourget: Ninguem ha que não reconheça na sua consciencia, examinando a, que seria outra coisa, si não tivesse lido aquelle livro ou aquelle jornal.

Deve lembrar-se para trabalhar nesse glorioso apostolado, zelando dos interesses de Jesus de que attesta Proal: «Os livros e os jornaes são os maiores bemfeitores ou malfeitores da humanidade».

«Perante um crime, ou um suicidio, diz o mesmo autor, para verificar a causa, não

é mister perguntar ¿qual é ella? só seria preciso indagar quem elle, isto é, o livro ou o jornal».

FRANCISCO OZAMIS, C. M. F.

## O Cruzeiro de Campinas.

Tem se escripto já bastante sobre o assumpto, tem-se poetizado e phantaseado quasi demais e as presentes linhas não visam augmentar esses effeitos oratorios de entusiasmo religioso e boa intenção. Para os que de fóra de Campinas leiam nossa revista, direi brevemente o que aconteceu.

No meio da estrada que conduz para o cemiterio e quasi em frente da porta da ultima morada, foi plantada por concurso do povo religioso, faz alguns annos, uma cruz em commemoração das santas Missões pré-gadas pelos Rvmos. PP. Dominicanos. Era uma coisa summamente inofensiva e que convidava aos bons a esperarem na misericordia de quem nella morreu para nos salvar e aos máus a se arrependem das suas culpas e a fazerem condigna penitencia pelas mesmas; a ninguem ameaçava que não fosse obstinado na impenitencia. A todos com seus enormes braços abertos, queria abraçar e a todos indicava o caminho seguro que devemos seguir para encontrar-mos a *verdadeira felicidade* em contraposição á estultamente sonhada pelos nocivos e perversos exploradores do povo ignorante.

Ao diabo, porém, todos sabemos quanto incommoda esse symbolo sagrado de nossa Redempção, elle sabe porque; já conseguiu por meio de seus satelites e com pretextos diferentes, tirar as cruces das escolas em outros paizes e até pretende o mesmo em nosso Brazil e agora mais animado com estes triumphos, impulsou mãos iniquas e sacrilegas e cobardemente cortaram-no para vergonha da liberdade, que tanto os impios apregoam. Mas este crime de lesa liberdade teve uma circumstancia agravante; conhecida e proverbial é a religiosidade do povo campineiro particularmente em estas epochas do anno e, sobre tudo, a piedade sincera que tem pelos seus antepassados que tranquillamente repousam no Campo Santo.

Esta piedade manifesta se nos dois primeiros dias de Novembro por meio de romarias continuas e quasi não interrompidas, já desde as primeiras horas da manhã, indo e

voltando sem cesar, levando corôas e saudades e deixando nos sepulcros, onde descansam seres queridos, uma lagrima ardente a testemunhar mais outra vez que, embora os corpos estejam separados, as almas estão intimamente unidas com Deus por meio da corrente fortissima do amor. Pois bem; os sacrilegos que comissionados por agentes demasiado conhecidos por demais inimigos das tradições religiosas de nossa Patria, executaram tão cobarde e feio attentado, escolheram para isso a *noite* do dia um para dois de Novembro, com o fim de escarnecer mais a Fé sincera dos muitissimos que no dia seguinte iriam no cemiterio cumprir os deveres do seu coração. Favorecidos pela escuridão da noite e por uma forte ventania, essas mãos iniquas applicaram ao santo madeiro o serrote e em pouco tempo deram com o cruceiro em terra.

Feita a mãosalva esta *notavel façanha*, bem logo os facinoras foram occultar e abafar o remorso da sua consciencia nas suas madrigueiras. Como era natural, no dia seguinte, divulgou-se o facto, semeiando indignação, particularmente entre os moradores do bairro do Fundão que votavam sincera devoção e carinho até por aquelle symbolo sagrado de sua singela Fé. A indignação por esse acto vandalico practicado por agentes de uma sociedade conhecidamente anti religiosa, nesta cidade, traduziu-se em entusiasmo effectivo e assim, espontaneamente, e sem outro impulso forçado, formou-se uma commissão composta de cavalheiros distinctissimos cujo fim é de levantar outro cruceiro no mesmo logar por meio de uma suscripção igualmente espontanea, e convém reparar que não pretende a commissão precisamente o concurso *pecuniario* do povo, já que por sua conta poderia bem fazel-o, sinão que quer dar ao acto um character *popular*, com o fim de patentear a esses estultos exploradores do povo, que em nome da liberdade de consciencia violam a dos outros, que o povo de Campinas é religioso e quer seguir as gloriosas tradições dos antepassados. A historia é esta, mas agora entra um commentario: todos poderiamos asignalar com o dedo, os auctores *moraes* e *tal vez* os effectivos dessa cobardia e não obstante, acontece agora que quem quem ha de pagar os pratos rotos, são os de sempre. Ha dias, espalhou-se com profusão um *avulso* que leva o estigma da sua immoral procedencia, no qual, entre outras inconveniencias, acusa-se como os auctores d'esse attentado a os Padres. Vamos, que essa gente



### Cimiterio Parochial de S. Francisco,

em São Sebastião, no littoral do E. de São Paulo, construido no parochiato do P. Gastão de Moraes.

resulta sempre *engraçada* quando trata de coisas de Religião de que entende como de qualquer outra coisa...

E', *mutatis mutandis*, o que passava no tempo de Nero: manda elle mesmo pegar fogo á cidade de Roma: *Christãos ás feras*; envenena as fontes publicas, *christãos ás feras*, revolta se o povo por falta de pão, *christãos ás feras*.

Pois agora dá-se o mesmo; é Ferrer condemnado pela *justiça* á pena que mil vezes merecera, «são os Padres»; que o Medeiros de Portugal desce do poder, «são os Padres que influenciaram no *clerical* Wenceslau de Lima. Destroem o Cruzeiro de Campinas, «são os Padres que precisam de cobre». Pois não não são vocês que votaram enormemente o *boycotagem* delles? pois como permitem tamanho insulto á sua *seriedade* de votantes! ha! entre estes exploradores, que por afogar ao povo *desenganado* de vosa verborragia o chamaes de *esclarecido*, oh escarneo! quando precisamente, porque pensaes que não é, andaes continuamente a explorar sua ignorancia. Exploração, indigna exploração...

P. L., O. M. F.

# HESPAÑHA

## Resposta a um artigo do "Estado de São Paulo" pelo Sr. Dr. Carlos de Laet.

Um jornal de S. Paulo, exasperado pelo fuzilamento do Ferrer, prorompeu em tremendas invectivas contra a nação hespanhola.

Desarrazôa o confrade; e diante dessa injustissima aggressão é preciso que se erga um protesto, indignado, energico, e acima de estreitos odios, colloque a verdade historica e os dictames da consciencia universal.

Denegrir a Hespanha é conspurcar um dos mais bellos brazões da humanidade. E' dizer ao passado: Não te conheço... E' decapitar as mais puras glorias da civilisação. E' cuspir no heroismo. E' apedrejar o astro. Nada mais absurdo, nem tão vandalicamente insensato: mas, como houve quem o fizesse, preciso se torna protestar. Protestemos.

A Hespanha, diz-se, deu mostras de intolerante porque *assassinou* um homem. Não quero aqui discutir se o justicado era, ou não, réo dos negros crimes que se lhe imputaram e de que o julgou realmente culpado o tribunal a cuja barra elle compareceu. Dado, mas não concedido, que esse homem fosse innocente, teria havido um erro judiciario. Mas desde quando basta um erro judiciario para infamar uma nação? E qual das nações escaparia á pecha de infamia, se a todas se applicasse tal criterio?

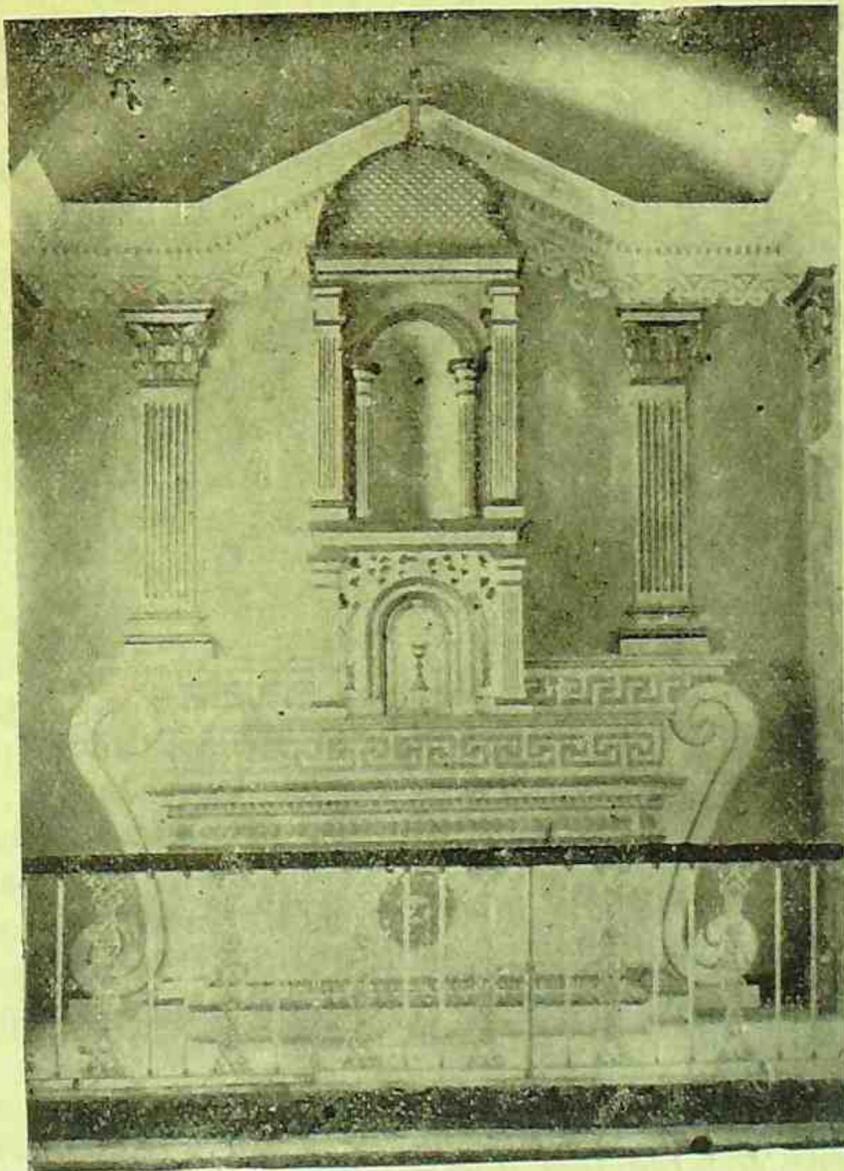
Ferrer foi sentenciado, allega-se, por um tribunal de excepção, como os que se organizam em estado de sitio. Mas quem tanto como nós, Brasileiros, tem usado e abusado dessas medidas excepcionaes para o restabelecimento da ordem, violentamente conturbada por meetings e sedições? Dos periodos presidenciaes que havemos tido, apenas dous, os do Sr. Campos Salles e do finado Penna, puderam abrir mão de taes recursos. E, o que mais é, numerosas execuções se perpetraram, sob o novo regimen, sem que a esses morticínios precedesse o menor simulacro de julgamento regular.

Varzeas da Imbiribeira, onde por telegramma foram fuzilados Silvino de Macedo e seus companheiros, praias da Sepetiba, lobregos despenhadeiros do Kilometro 65, manes de Batovy, Lorena e Serro Azul,

dizei que sombra sequer do processo legalizou tamanhos horrores... E como então, contra os factos de hontem, agora vos levantais para insultar a nação que, de accordo com as suas leis, julga condenna e executa um revolucionario?

Se, pois assassina é a Hespanha porque fuzilou um réo, assassina tambem foi a França executando, por ordem de Thiers, innumerados bandidos da Communa; assassina a Inglaterra, quando em 1858 atava á bocca dos canhões os cipayos insurrectos; assassina tambem a nossa patria, afogando em sangue a revolta de 93.

Quando, no sertão bahiano, um nucleo de sertanejos, desattendidos e maltratados em justas reclamações, imprudente se oppôz



Capella do Smo. Sacramento em S. Sebastião  
no littoral do Estado de São Paulo construida  
no parochiato do P. Gastão de Moraes.

pelas armas, ás tropas que os iam submeter, um presidente de republica (notae bem que não um monarcha) ao expedir novos contingentes ordenou lhes que alli não deixassem pedra sobre pedra... Assim se fez, e lugubre ha de atravessar os tempos a narrativa dessas ferezas, registradas no livro immortal de Euclides da Cunha. Bem: isto poderá pesar sobre a memoria do nandante, sobre a triste obediencia dos mandatarios; mas não sobre a nossa patria. Com que direito, pois, já esquecidos da hecatombe de Canudos, profligariamos as repressões de Barcelona?

Pensadores, podemos deplorar a dureza dos tempos que arma o homem contra o homem e que em frente da escopeta do sedicioso, põe as carabinas da legalidade. Deploremos, mas não injuriemos, que a injuria com facil reversão póde em cheio tombar-nos sobre as faces.

Foi um assassino Prudente de Moraes? Creio que não o direis;—e porque então assassino será o Rei da Hespanha?

Maior ainda a iniquidade, se do soberano fazeis sobre a nação resvalar o insulto.

Apoiando-se em palavras de um hespanhol apaixonado, o republicano Salmerón, subscreve o diario paulista aquelle erroneo dizer, segundo o qual desde longos seculos a Hespanha se teria quedado, immovel e inactiva, em meio do movimento intellectual da Europa, do qual não houvera participado.

Multiplo erro de historia litteraria, politica, militar.

Em litteratura, já se disse, e com razão, que a Roma de Nero foi hespanhola. Os Senecas, Columella, Lucano, Floro, Marcial, Hygino depois destes os christãos Prudencio e Juvenco; os chronistas Orosio e Isodoro levantam bem alto o nome hespanhol.

Quando deperece o gosto litterario, em épocas bem uma da outra afastadas, são dous hespanhoes, Quintiliano e Cervantes, que mais sobre os coetaneos prepondera pela agudeza e exacção da critica.

Chega a idade média, e da inspiração popular, acendrada naquelle duello estupendo que entre o mouro e o hespanhol se protrahiu durante sete seculos, brota o *Poema do Cid*, a primeira e a mais pujante das epopéas populares, porque de muito antecedeu o *Nibelunglied*, que é a maxima laurea do estro germanico mediévo.

Entrais na idade moderna? Attentais mas culminancias do theatro classico francez?

Que é que lá védes? Qual o mais alteroso cimo? Corneille? Mas esse foi nm imitador do theatro hespanhol.

«Os francezes (diz Schlegel) não se contentavam de imitar o genero dos hespanhoes; mas destes tomavam as mais engenhosas invenções. Foi o que se viu no seculo de Richelieu e de Luiz XIV... Quasi todas as comedias de Corneille, bem como as suas tragedias mais estimadas, são peças hespanholas refundidas.» (*Curso de litteratura dramatica*, 11.<sup>a</sup> lição.)

Quem acaso ignora que a famosa tragedia *Le Cid* foi colhida nas *Mocedades del Cid*, de Guillem da Castro? *Le menteur*, repete a *Verdad sospechosa* de Alarcón; e quando, para continuar, Corneille produz *La suite du menteur*, sabe se que o fornecedor do entrecho e dos melhores lances, é Lope de Vega, na sua *Amar sin saber a quien*.

Nem é tudo: a unica tragedia de Rotrou que resistiu ao tempo é imitada de Francisco de Roxas. Molière pede a Moreto a sua *Princesse d'Elide*. O typo lendario do *Don Juan*, mais tarde immortalizado por Byron, já fóra esboçado pelo mesmo Lope de Vega e acabado por Tirso de Molina, no *Burlador de Sevilla*, donde Molière o aproveitou para o *Festin de Pierre*.

Se do theatro passais ao romance, achareis Lesage imitando Luiz de Guevara no *Diable boiteux*, e a Vicente Espinel, cujo *Don Marcos Obregon* é o modelo do *Gil Blas*.

O diario paulistano, cujos escriptores certamente não desconhecem estes factos, perpetram, pois, clamorosa injustiça apoucando o genio inventivo e o poder creativo da Hespanha no tocante ás letras; e, para que o façam, preciso lhes será destruir o acervo de estudos e documentos accumulados pelos criticos allemães, decididos entusiastas das opulencias litterarias da Hespanha.

No tocante ás sciencias, o parcialissimo confrade sempre apoiado no Salmerón, cae em curiosa contradicção alli quando assevera que da alliança com o catholicismo se derivou para a Hespanha uma intolerancia prejudicial a todo progresso scientifico...

Ora bem: mas se o douto collega procurar na Bibliotheca Nacional de Paris o rarissimo exemplar da *Christianismi Restitutio*, do aragones Miguel Servet, ha de notar em algumas paginas vestigios de chammas: foram as da fogueira onde com o seu livro ardeu o famoso descobridor da circu-

lação do sangue. Mas quem o queimou, não foram catholicos, senão João Calvino, maximo heresiarcha e fundador do protestantismo. E' um fr ncez protestante o cremador do scientista hespanhol: e, todavia, sobre o catholicismo e sobre a Hespanha recae a pécha de intolerancia e obscurantismo?

Que em sciencia tambem a Hespanha não haja illuminado o mundo, é falso, fal sissimo.

De que sciencias fallaes? Das que alto mar, dirigem a rota do navegante? Mas foram os Hespanhóes os que primeiro per-lustraram nosso littoral. Das que pesquisam e aproveitam as leis naturaes? Mas provado está (*vide* Adolfo Castro, no seu preambulo ás obras escogidas de filósofos, apud Biblioteca de Autores Españoles) provado se acha que a Newton se adiantou Fuente de la Peña, autor de *El ente dilucidado*, lobrigando antes do inglez a attracção universal, e bem assim excogitando em 1677 a sua machina voadora... Das sciencias que concorrem para a direcção dos povos? Mas permitti que ao Governador de S. Paulo, Vice-Presidente, que ha de ser da republica, quando o Sr. Ruy fór presidente, permitti que eu lhe auteponha um Francisco Ximenes de Cisneros cardeal que foi e creador da universidade de Alcalá. Da philosophia que exalça o espirito á região do ideal? Mas certo vos não serão desconhecidos um Balmes e um Donoso Cortez... Não vos fallo de theologia, porque, naturalmente, não a tendes como sciencia, pois de outro modo eu vos citaria a mystica Teresa de Cepeda y Ahumada, que para nós é Santa Thereza de Jesus, e o erudito Francisco Suarez, do resumo de cujas obras se encheram dous grandes infolios..

A arte hespanhola! Ella é em archi-tectura a creadora da Alhambra, da Sé de Burgos, do paço do Escorial: na esculptura, Montañez, o mestre das roupagens, Valdevira o discipulo de Miguel Angelo, Juan Perez, que de colossos povoou o zimbório da cathedral de Sevilha; em pintura ella chama-se Velasquez, Zurbaran e Murillo....

Na guerra... Os hespanhóes bateram o exercito napoleonico; nem mais é preciso dizer. Iniciaram contra o despota a resistencia da Europa. A Hespanha lutando com Bonaparte, preparou lhe a queda. Saragossa preludiou Moscou *Fusillez-les tous!*— escrevia Napoleão aos seus generaes excitando os contra os heroicos guerrilheiros. E' assim que os revolucionarios felizes tratam os

vencidos. Aos soberanos legitimos é que não se faz licita a defesa.

Basta. O protesto desalinhado e inculto valerá todavia como a explosão da verdade. Houve um brasileiro, escriptor do *Estado de São Paulo*, que insultou a Hespanha. Corre-me pelas veias sangue flammengo e portuguez—isto é, de dous povos que com a Hespanha se bateram: mas aqui folgo de lhe render justiça.

A gloriosa bandeira hespanhola fluctúa demasiado alto para que a possam attingir respingos de odio sectario; mas, se acaso algum lá chegou, quero eu aqui apagal-o com os labios, tomando em mãos respeitosas o pavilhão auri-rubro e nelle depondo um osculo de entranhada veneração.

Carlos de Laet.



CAPITAL — Por um insigne favor recebido do Coração de Maria, venho hoje penhoradissimo, agradecer-lh'o ao mesmo Purissimo Coração por meio desta revista.— Benjamim Lobo.

— Josephina Silveria agradece ao Coração de Maria a graça que recebeu passando bem em seus exames.

PORTO ALEGRE (Est. do Rio G do Sul) — Venho agradecer ao bondoso Coração de Maria duas graças obtidas pela sua intercessão.— Maria Antonia Pinto.

SOROCABA. — Em cumprimento de uma promessa, tomo uma assignatura da *Ave Maria*, para o que lhe remetto a devida importancia.— Eugenio de Barros Oliveira.

UBERABA. — Cheio de agradecimento ao Coração de Maria e a seu castissimo Esposo, venho publicar que, por intercessão do Veneravel servo de Deus, P. Antonio Maria Claret, obtive que uma pessoa de minha familia largasse dois vicios degradantes. Em acção de graças e em cumprimento de minha promessa, envio a esportula para ser rezada uma missa no altar de Nossa Senhora.

— Desejo outrosim, que V. R. reze mais duas em acção de graças pela saude coicidida a uma moça gravemente enferma e a um menino que tambem se achava doente. O resto é para velas.

CASCAVEL. — Agradeço ao Coração de Maria a graça extraordinaria que me concedeu.— Exaltina de Oliveira Leite.

ESPIRITO SANTO DO PINHAL. — Ao bondoso Coração de Maria agradeço haver me curado de minha enfermidade e dado coragem nos meus trabalhos.— Correspondente.

ARARAQUARA. — Leticia Corrêa de Almeida manda 10\$000 para 2 missas no Santuario do Coração de Maria, 6\$000 para o mesmo, sendo 1\$000 para velas.

LIMEIRA.— Immensamente agradecida ao Purissimo Coração de Maria por uma graça alcançada e muitas outras, envio a essa digna Redacção 2\$000 para serem accesas duas velas no altar do Coração de Maria.— Guilhermina Machado de Barros.

MOTTA PAES.— Venho por meio desta pedir o obsequio de publicar na vossa sympathica Revista que obtive diversas graças do Immaculado Coração de Maria, pelas quaes fico eternamente agradecida a nossa excelsa Mãe.— Benedicta B. S. Leme.

— Peço a V. R. o grande favor de publicar na bella *Ave Maria* uma graça que alcancei do Coração bondoso de Maria.— Carmela Brito de Silveira Leme.

PEDERNEIRAS.— Agradeço penhorada a cura de uma dôr que soffria ha tempo e que me affligia particularmente por não vêr allivio nos recursos humanos. Cheio de fé recorri ao Purissimo Coração de Maria e hoje estou livre daquelle incommodo. Envio 5\$00, sendo 3\$ para uma missa e 2\$ para o culto de Nossa Senhora.— Marcos Rodrigues.

SALTO DE ITU.— Maria Francisca de Silveira, por dois favores obtidos do Coração de Maria, envia um pequeno obulo e toma uma assignatura da *Ave Maria*.

SOROCABA.— Achando-me muito doente e em completo desanimo, recorri com viva fé ao Immaculado Coração de Maria e prometti lhe fazer uma novena e tomar uma assignatura da *Ave Maria*, emquanto viver. Declaro que fui immediatamente attendida, por isso venho, cheia de jubilo, agradecer tão grande graça que peço publiqueis em vossa bella revista — M. C.

— Anna de Oliveira Figueiredo, penhoradissima por uma graça que alcançou do Immaculado Coração de Maria, remette 5\$ para uma assignatura da *Ave Maria*—Anna Rosa de Aquino.

— Achando-me ha mais de um anno soffrendo de uma molestia, que muito me torturava, depois de submeter se a uma operação que não deu resultado, e sendo esta feita pela segunda vez, pedi ao Immaculado Coração de Maria que, si obtivesse a saude, depois da segunda operação, mandaria publicar a graça na bella revista *Ave Maria*. Tendo sido attendida cumpro a promessa, ficando eternamente agradecida A quella que com toda a razão é chamada *Salus infirmorum*.

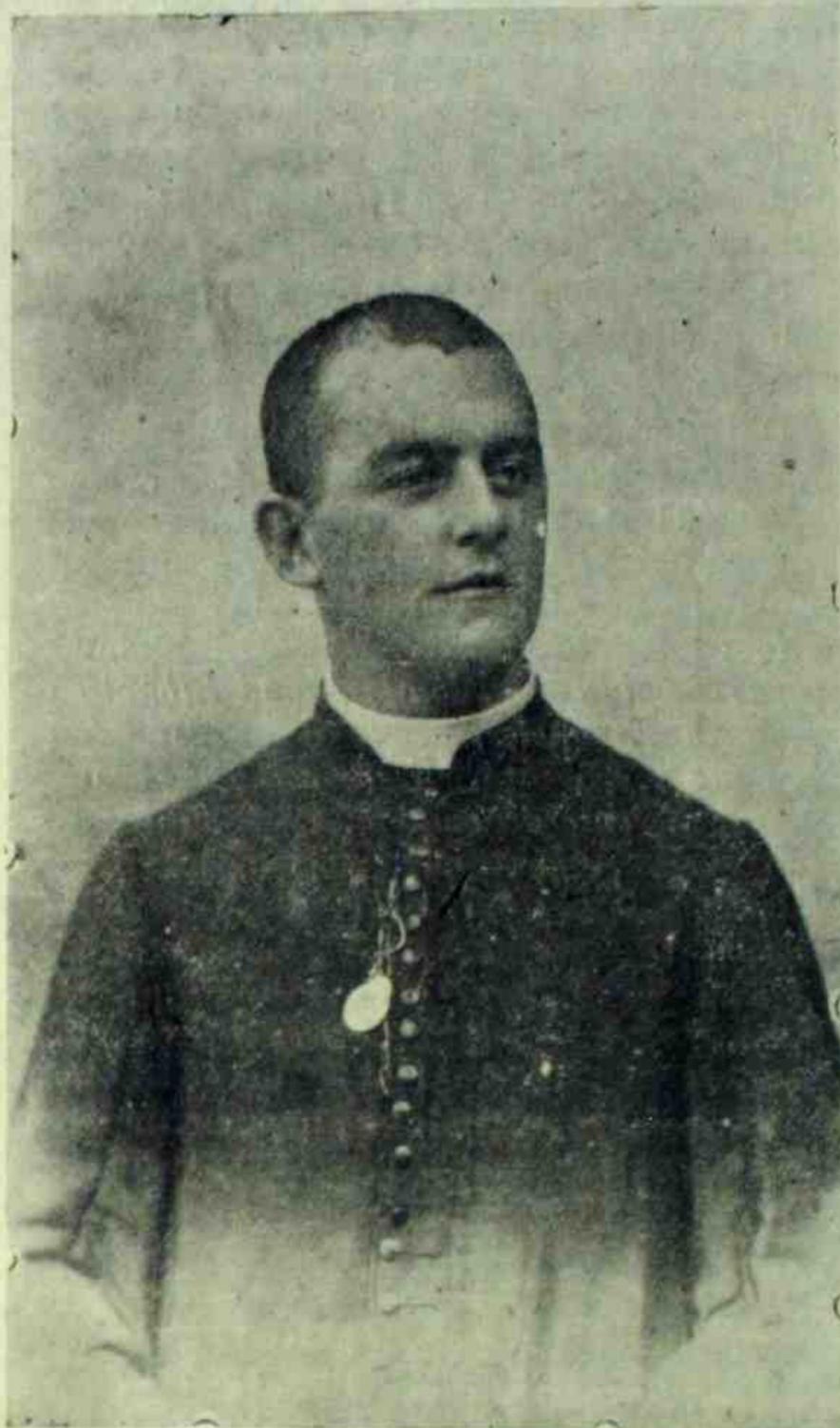
— Agradeço tambem ao glorioso Patriarcha S. José ter tido minha filha Maria encontrado allivio em seus soffrimentos. Conforme promessa, publico esta graça na *Ave Maria*—Maria Augusta Almeida de Oliveira.

PETROPOLIS.— Est. do Rio) O illmo. sr. Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos, tendo recebido uma graça do Sagrado Coração de Maria pede seja publicada na bella revista *Ave Maria*, conforme promettera.

CAMPOS.— Est. do Rio) Remetto a V. Rvma. a quantia de 10\$ como esportula de duas missas, que deverão ser celebradas no altar do Sagrado Coração de Maria, em acção de graças por favores feitos por nossa divina Mãe a favor de d. Marianna Carlos de Gouvea e Maria Isabel Gouvea—Theophilo Gouvea, correspondente.

LIMEIRA.— Maria Pacheco Aguiar agradece muitas graças pue tem recebido de Nossa Senhora e em particular uma que sua filha Eydia alcançou sendo feliz numa difficillima operação. Manda publicar para tornar mais conhecidos os favores de Nossa Senhora.

CAMPINAS.— Tendo alcançado duas graças importantes do Immaculado Coração de Maria e do glorioso Patriarcha S. José, venho cumprir a promessa



**Rvmo. P. Gastão de Moraes**

zeloso vigario de Sta. Rosa.

que fiz, publicando-as na bella *Ave Maria* — Anna de Oliveira.

PALMARES.— Dou graças ao Purissimo Coração de Maria pue concedeu a minha mulher um parto felicissimo. Agradecido por tamanha bondade, envio a V. Rvma. 3\$ para ser rezada uma missa em suffragio das almas do Purgatorio.—Caetano Encinas.

CAMPINAS.— A exma. sra. d. Amelia Vianna dá graças ao Coração de Maria a quem agradece a protecção que dispensou a sua filha concedendo-lhe um parto feliz. Manda dizer uma missa em acção de graças.

Outrosim envia 5\$ de esmola para o Santuario em acção de graças ao Coração de Maria que concedeu a uma sua filha ter sido feliz nos exames e conseguisse a matricula que desejava.

BAHIA.— Agradeço ao bondosissimo Coração de Maria uma graça particular.—C. B.

ITU.— Penhorado, agradeço ao Purissimo Coração de Maria diversas graças alcançadas.— J. A. S.

ESPIRITO STO. DO PINHAL.— Ao glorioso patriarcha São José fico agradecida pelo favor que me acaba de conceder. Em acção de graças envio 5\$ afim de ser rezada uma missa no seu altar.

## Secção de interesses sociaes

### Centro Catholico Bahiano

Esqueceram-se os reformadores da lição da historia contemporanea revelando nos os progressos maravilhosos da grande republica norte-americana sob o influxo do Christianismo, e mui notavelmente do Catholicismo e a decadencia moral e economica da republica franceza, a patria, de *Augusto Comte*, graças aos triumphos tão enaltecidos do racionalismo impio que, abolindo a crença em Deus, ergue altares á humanidade, o seu idolo da moda.

Commentando o trecho de *Gibbon* «A França foi creada por seus bispos, como a colmea por suas abelhas» o *Dr. Fiessinger* assim se exprime: Destruí a alma nacional, a cohesão politica terá fim; a unidade partida da patria se dissipará em fragmentos esparsos. A morte d'uma nação, na marcha da historia, tem regularmente seguido a queda de suas crenças.

Paraphraseando o eminente historiador inglez, meus senhores, direi que o Brasil foi formado pelo Catholicismo; aos dictames da doutrina de Jesus e a seus reflexos fez-se caracter, illuminou-se a alma brasileira: substitui o *Credo* do nosso povo, deturpailhe os principios religiosos, e aniquilados serão os estímulos da alma da nacionalidade, teremos diante de nós o espectro de sua dissolução.

As benções do Bispo D. Diogo caem sobre a expedição arrojada de Cabral. No «descobrimento desta terra, escreve Pero Vaz de Caminha, conformando-se com o signal da cruz, sob cuja obediencia vimos» faz-se ouvir a palavra, de Fr. Henrique após a celebração da missa em um grande ilhéu onde «era com o Capitão a bandeira de Christo com que sahio de Belem, a qual esteve sempre alta da parte do Evangelho». Aspilcueta Navarro, Nobrega, Anchieta, centenas de Jesuitas distinguem-se na catechese dos indios, na formação dos costumes dos tempos coloniaes e a Historia os assignala como os mais abnegados apóstolos da civilização daquellas eras.

Nas lutas contra os invasores, não só o amor da patria, como de modo inequivoco o fervor da religião, levantaram n'esta cidade, por não falar do resto do paiz, o verbo incomparavel do Padre Vieira, alentaram a fé e a coragem do Bispo D. Marcos, e os Hollandezes foram rechassados.

Na historia da nossa independencia, basta lembrar o nome de uma veneravel freira bahiana, soror Joanna Angelica, sacrificada ás furias de uma desenfreada soldadesca, sagrada heroína da religião e da patria, como sua homonyma, a gloriosa e bema-venturada Virgem de Orleans.

Entretanto, meus senhores, querem rasgar as paginas de nossa historia, para que o povo as esqueça; e, favoneado o seu amor proprio pelas declamações de um falso progresso, entontecem-n'o com louvores á sua cultura e superioridade; e taes louvaminhas são entoadas por individuos interesseiros sem a menor parcella de amor a nossa formosa e querida patria!

Poderão os catholicos assistir indifferentes, sem um brado de energico protesto, á propaganda anti religiosa que, a pretesto de tornar conhecido o Brasil ao mundo civilizado, tem sido alimentada nestes ultimos annos, affirmam n'o, com a acquiescencia dos mais altos representantes do paiz?

Pois enquanto nas longuinhaes e desertas paragens de Matto, Grosso, Goyaz e Amazona os sacerdotes de D. Bosco, os infatigaveis dominicanos e os zelosos capuchinhos, em quasi absoluto olvido dos que nos governam, sacrificam seus escassos commodos e a propria vida, chamando ao gremio da civilização christã os selvicolas foragidos, será justo que se convidem a visitar nossas plagas, cercados de fartas vantagens de toda a casta, recebidos entre festas delirantes os preconizadores da irreligião, que serão forçosamente a guarda avançada, entre nós, do socialismo e da anarchia, quando o proletariado crescente se sentir asphixiado nas rôscas da *boa—constrictor* das necessidades que se avolumam?

Ainda este mez vibrou na capital da Republica a voz de um dos mais aclamados talentos da Europa, o academico *Anatole France*. Que disse elle? Que novos incentivos trouxe a nosso progresso, que proveitosos programmas traçou ao nosso engrandecimento? Sua dedicação, seu amor a esta parte da America latina, elle os synthetizou em dois hymnos, na verdade mui exaltados e applaudidos (!)—á irreligião, ao banimento da Fé.

Suas conferencias sobre o *Positivismo* e o *Christianismo antes e depois de Jesus* deixam a descoberto seu plano de combate contra a Religião predominante, sem embargo de todas as contradicções e obstaculos, no seio da sociedade brasileira.

Vós sabeis melhor do que eu, meus

senhores, os assumptos desenvolvidos nas alludidas conferencias. As blasphemias que ali se cruzam a cada proposição eu as deveria calar, em respeito a V. Exa., Snr. Arcebispo, em attenção a todos vós, meus senhores, senão julgasse necessario apresental-os agora, ainda que modificadas em sua nudez horripilante, para que bem comprehendais a verdade de minhas affirmações.

Que disse elle? Que o Positivismo é um Catholicismo com o seu ritual, a sua moral, ás vezes mais severa, mas um Catholicismo sem Deus: e acrescentou que insignificante foi a modificação porque Deus é o que menos interessa ás religiões. E na segunda conferencia «O Christianismo antes e depois de Jesus» concluiu: Destes ensinamentos o mais precioso a meu vêr e aquelle que (se me não engano) acceitareis melhor, é a necessidade em uma sociedade polida e culta do respeito das consciencias unido indissolvelmente á liberdade de pensamento e de expressão. Esse deve ser o *credo* de um povo cioso, como o vosso, de realizar o typo mais elevado da civilização e attingir o mais alto gráo da cultura intellectual e moral».

Eis sem ambages o que nos veio ensinar o celebre escriptor: Deus é nma formula van e desnecessaria, mesmo para as religiões, logo, o atheismo é uma verdade que se deve impôr, tai sua evidencia, á convicção da humanidade.

Preconizado o atheismo, desaparecem os dogmas religiosos e surge uma ética alheia por completo á religião: e dahi, para culminar a cultura intellectual e moral de um povo, ha apenas a necessidade de unirse indissolvelmente o respeito das consciencias á liberdade do pensamento e da expressão.—Eis o *Credo* modernissimo que veio trazer-nos o arauto da impiedade!

(Continúa).



### D. José Marcondes Homem de Mello

Embora um pouco tarde, não quero furtar-me ao dever de escrever algumas palavras sobre o nosso Bispo, e não quero disfarçar o vivo gozo com que aceito o encargo de apregoar o nome de D. José Marcondes Homem de Mello nessa simpathica revista da *Ave Maria*.—Conhecedor como é D. José das cousas e vaidades do mundo, muitas vezes entrava e sabia desta cidade sem outro acompanhamento que os padres

que formavam a sua comitiva: dois Padres Missionarios do Imac. Coração de Maria e o seu secretario particular. Mas no dia 3 de Novembro a estação de São Carlos estava repleta de gente esperando o trem que vinha de Barretos: é que no desempenho de um dos mais altos deveres de sua santa Missão de apascentar o rebanho de Deus que lhe fora confiado, tidha percorrido D. José Marcondes todas as cidades deste Bispado de S. Carlos, recolhendo em toda a parte optimos fructos de proveito espiritual dos povos, e os catholicos são carlenes queriam dar uma prova de amor ao seu Bispo.

Como nomear agora os fructos espirituales recolhidos em tantas visitas?

Conhecedor D. Marcondes das necessidades dos povos, muits vezes abandonados na vastidão de nossas mattas, dava-lhes todos os dias, depois da missa das 8 horas, paternaes conselhos, instrucções praticas e familiares que só elle sabe fazer, devido á muita experiencia que tem de lidar com o povo, emtanto que os Padres Missionarios pregavam na reza de noite verdades acomodadas com as circumstancias.

E os povos, embora ficassem admirados, vendo entre si o seu Bispo, recebiam sempre as suas palavras com attenção e veneração, fazendo alguns delles muitas leguas por estradas não sempre boas para poderem ouvir as palavras de seu Bispo e as missões dos Padres Missionarios.

Contar as leguas que D. José percorreu na sua visita, ennumerar os perigos e cansaços porque passou, estremeceria a muitos como me estremeceu quando ouvi contar as leguas que elle percorreu em meio d'aquelles mattos «paizagem robusta, tão grande que esmaga, tão forte que assusta» como diz um dos nossos poetas.—Sinto não poder descrever aquellas viagens por entre arvores colossaes cujo toro é tão bruto—que estendido no chão como vasto aqueducto—Pode um carro de bois com tres juntas possantes—Passar por cima delle a vontade—Alarmanes paus de alho cuja fronde é o mais firme dos teitos—grande para acampar dois batalhões completos!! (Baptista Cepellos—os Bandeirantes)

Lamento não poder levar ao papel as impressões que no meio de suas fadigas, experimentava D. José, o contraste violento a resaltar de tudo.—Ao tronco mazorrado das rudes perobeiras—se abraçam gentilmente as leves trepadeiras,—e os duros troncos brutos, grossos como elephantes, que esparramam na altura a intensa cabelleira

—em que parasital se emmaranha a cipo eira» (Bandeirantes).

Sim, se muito disfrutava D. José contemplando a forte natureza na mais completa e robusta grandeza, também é certo que devia soffrer muito, tendo de atravessar aquellas estradas, onde quasi não se acha morador, onde tudo é vasto deserto. Quantas vezes, diz um de seus companheiros, estava D. José com ardente sede e não achava uma gotta de agua limpa com que refrigerar sua bocca!

Quantas vezes teve de passar e pernoitar em casas desprovidas de todo o necessario para quem não está acostumado á vida do sertão!!

Mas em meio destes trabalhos, conservou-se D. Marcondes sempre alegre e satisfeito, como se toda sua vida fosse estar em meio d'aquellas privações.

Não é de admirar que os fructos recolhidos em toda a visita tenham sido sempre os mais satisfactorios. Sinto, sr. Director, não poder lhe dar noticia exacta das communhões distribuidas nas trinta parochias visitadas, nem dos casamentos legitimados de pessoas que ou viviam amigadas, ou casadas no civil.

Descuido, digo mal, humildade dos Missionarios que, trabalhando a exemplo de D. José Marcondes, *sem querer contar os seus triumphos*, offerecem a Deus seus trabalhos apostolicos para receber d'elle o premio, posto que os homens, ou não agradecem ou agradecem mal. Seja pois bemvindo a esta cidade o nosso preclaro Antistite!! Sejam bem chegados os que formaram a sua comitiva. Que o Senhor desde o Céu abençoe os seus trabalhos e os faça fructificar mais e mais e que dê cento por um de bens espirituaes!!

### *Festa de S. Carlos*

Adiada por circumstancias especiaes a festa de nosso padroeiro para o domingo, dia 7 deste mez de Novembro, foi precedida d'um triduo de pregações encarregadas ao Rvmo. P. Bartholomeu Taddei S. J., em tanto que um grupo de meninos do collegio dirigido pelas Irmãs do Smo. Sacramento se encarregava de solemnizar as novenas com o canto de Ladainhas e Ave Marias.

O dia da festa, ao clarear do dia ouvia-se ao longe o estampido dos foguetes e bombas que arrebatavam estrondosas para acordar os dormidos habitantes de S. Carlos que, prestes acodem á Egreja cathedral, of-

ferecer a Deus o oloroso perfume de suas orações.

As dez horas seriam, quando um festivo repicar dos sinos annunciava que o Snr. Arcebispo-Bispo dirigia-se revestido de capa magna para a cathedral, pontificar na missa em honra do padroeiro da cidade de São Carlos Borromeo.

No coro foi habilmente executado pelos meninos do collegio a Missa a duas vozes de Luiz Bordese, e no emtanto no altar mór entrava a missa do Sr. Bispo acolytado pelos PP. Feliciano Iagüe e Luiz de Setta como assistentes ao trono e pelo P. Theophilo Guinda e Antonio Dini como assistentes ao altar.

Após o canto do Evangelho, o Rvmo. P. Bartholomeu Taddei pronunciou brilhante panegirico de nosso santo.

Ao meio dia terminou tão solemne cerimonia da Missa pontifical, deixando o povo a Egreja até as quatro horas da tarde, hora em que devia ter lugar a procissão pelas ruas da cidade.

Embora as ameaças de chuva não permitiram fazer o percurso que estava annunciado, o povo sempre teve coragem para acompanhar a nosso padroeiro que em bem enfeitado andor era levado por gentis senhoritas, sendo a imagem do Coração de Jesus levado por distinctas Senhoras.

A' entrada da procissão o P. Taddei subiu ao pulpito e por despedida deu ao povo são carlense que enchia a espaçosa Egreja cathedral, alguns avisos para poderem sempre ter a seu favor a protecção de seu padroeiro, terminando todos os actos com a benção do Smo. Sacramento.

Felicidades e applausos aos festeiros Cap. Casimiro Guimarães e Senhora pelos trabalhos que se impuzeram para que a festa estivesse esplendida e superior a outros annos!

CORRESPONDENT'E

S. Carlos, 8 de Novembro de 1909.

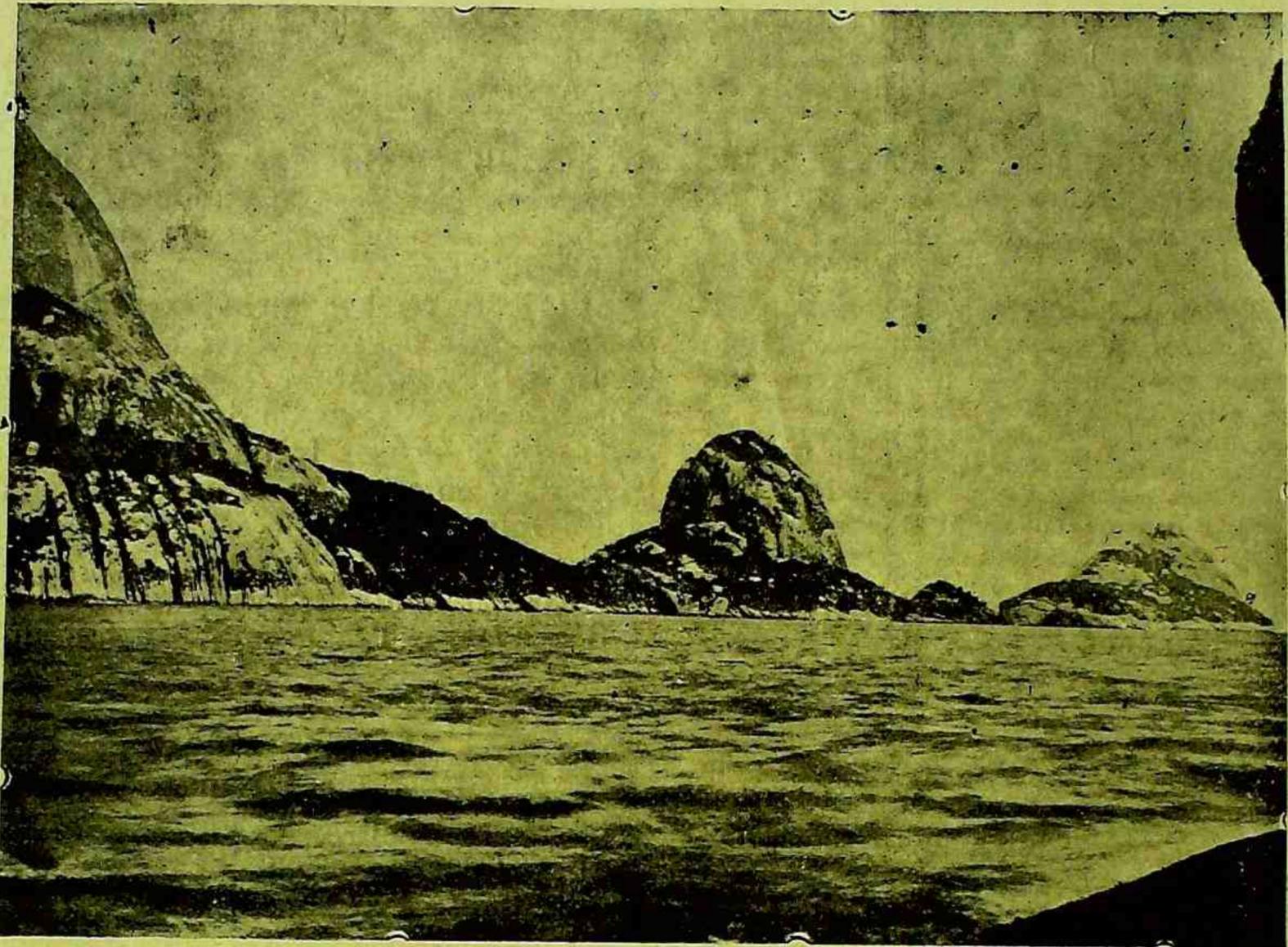
## Correspondencia.

### S. Caetano da Vargem Grande

*Sul de Minas*

As pessoas afeitas á leitura de jornaes e revistas, são muitas vezes levadas a ler em tal ou qual artigo, suggestionadas, ou pela sua epigraphe ou pela sua assignatura.

E não é raro deixarmos passar de quando em quando, uma noticia importante sem que a leiamos. Sim; porque nem tudo se pode ler num jornal; a menos que não procedamos como o *habitué* do «Jornal



Vista geral da ilha dos Alcatrazes (Sul da ilha de São Sebastião).

do Commercio,» o qual o lia desde o cabeçalho até o derradeiro annuncio. Levou a vida lendo artigos de sciencia, litteratura, artes, politica e annuncios de *aluga-se e precisa-se*. Não fazia outra coisa.

E é o que justifica o que acima vae dicto: a epigraphe de um artigo, ou a assignatura do seu auctor, forçam-nos a lêr este, ou aquelle trabalho

Foi o que se deu commigo. Lendo o «Regenerador» não pude (aliás este jornal é sempre lido até os ineditoriaes) deixar de prender minha attenção, a um trabalho, assignado por P. Francisco Ozamiz.

Esta assignatura era para mim um signal evidente da importancia do assumpto. Li-o de *bom gré*. E não pude deixar de, ainda uma vez, augmentar o meu fervor entusiasta, pelo grande apostolo.

Com quanta justeza de conceitos não se refere elle á obra exclusivamente necessaria na actualidade — a boa imprensa!

Si houvesse a nitida comprehensão da importancia da imprensa catholica, e si por isso todos os elementos, interessados pela conservação e propagação dos sãos principios da Religião e da moral, unissem suas forças para amparar esse baluarte, certo teriamos outro estado de coisas, outra honestidade na vida social, outro procedimento na accção religiosa, outro fervor no sanctuario do lar, outra crença accesa em noss'alma, outra estrella fulgindo no céu das nossas esperanças, outra pyra ardendo na ara dos nossos corações. A Religião estaria mais respeitada, seus ministros mais considerados, os Sacramentos mais frequentados. A Patria estaria satisfeita de seus filhos, a Republica orgulhosa dos seus cidadãos.

Mas... Quão diversa é a realidade!

Como o illustrado e psychologo P. Francisco Ozamiz, estou convencido de que a imprensa, que foi e é o vehiculo de todos os principios subversivos do

moral e do Direito, é sem duvida o vehiculo de outros principios garantidores da justica.

A infiltração do veneno da impiedade faz-se nas almas pela imprensa impia e pela imprensa indifferente, que para mim é a peor das suas especies. Prefiro um jornal francamente atheo, ostensivamente impio, a um priodico hypocrita, sem crenças definidas que acceita em suas columnas o bem e o mal, a verdade e o erro.

E' mais facil combater-se um inimigo, como tal conhecido, do que um inimigo, que sabe amenisar seu rancor para comnosco, elogiado-nos hoje e atacando-nos amanha. Parece-me até que este procedimento é a caracteristica da sociedade actual.

E tanto o é, que a imprensa assim o adopta. Então cá pela roça causa lastima constatar-se essa miseria moral.

O valente orador e conspicuo pensador P. Francisco Ozamiz, apresenta á consideração dos R. R. Vigarios, entre outras propostas, a seguinte: «Em todas as Egrejas devia haver uma caixa, com estes dizeres: Imprensa Catholica.

— Muitos Vigarios gastam sommas fabulosas em veronicas e terços. E' bastante que uma pessoa tenha um rosario.

»Ao envez procura folhetos etc.»

Perfeitamente. A epocha, pelas suas difficuldades requer accção catholica, actividade social. E como encaminhar a sociedade para esse ponto, sinão pela imprensa, pelo folheto, pela palavra?

Oh! si todos pensassem com uniformidade, que resultado espantoso se alcançaria de um esforço commum!

O primeiro passo a dar é colligar as forças. A accção deve ser geral, sob pena de ver nossos ten-

tamens esmagados pelos máus e ridicularizados pelos indifferentes.

Cá estou para as manobras. E com que disposição!

Em outra correspondencia, continuarei sobre o assumpto, para justificar e explanar alguns conceitos, nesta expendidos.

Folgo immensamente em ver que os commandantes da acção religiosa, entre os quaes o P. Ozamis, o conhecido Padre Mestre, vão dando ordens de commando, tão acertadas.

\*\*\*

Encerraram-se no dia 31 de Outubro as solemnidades do Rosario. Durante o mez inteiro houve actos religiosos, solemnes, assistidos sempre por numerosos fieis.

No dia de Finados, mais de quatro mil pessoas, compareceram aos actos religiosos que para esse dia estavam designados. As missas foram celebradas: a 1.<sup>a</sup> na capella d'Apparecida: a 2.<sup>a</sup> na Cappella do Rosario e a ultima na Matriz.

A' tarde immensa multidão tomou parte na romaria que se fez ao cemiterio, onde se recitou o terço.

Foi um espectáculo deslumbrante e ao mesmo tempo emocionante.

\*\*\*

Já foi sancionada pelo Presidente da Camara dos Deputados, a lei que mudou o nome desta Villa que em todo caso será sempre a Villa de S. Caetano da Vargem Grande, em vista da má vontade com que foi recebida a mudança.

CORRESPONDENTE.

Vargem Grande 10—XI—09

### Batataes

Sr. Redactor da Ave Maria:

As solemnidades do S. S. Rosario, realizados nesta cidade, no mez p. findo, não podiam-se revestir de mais bellezas e encantos, excedendo á expectativa de todos. Desde o primeiro ao ultimo dia do supracitado mez, affluio ao templo grande numero de fieis que, contritos iam depositar aos pés da Santissima Virgem, suas orações.

A recitação do terço era precidida de solemne offerta de flores, por iso 15 galantes meninas, symbolizando os 15 misterios e isto durante todo o mez ao som de hymnos apropriados e iluminação feérica.

O Côro nada deixou a desejar e muito contribuiu para o realce dos festejos.

O numero de communhões durante o mez attingiu á 700 e no dia da festa 507, o que somma 1.207, além de 28 primeiras communhões de meninos e meninas. Não entram neste computo, as communhões feitas nas Capellas dos dois Collegios, que, sem exagero podemos orçal-as em outras tantas. Portanto em um mez, 2.414 communhões para uma parochia do interior, já é bastante consolador. O Retiro dos irmãos do Rosario foi bastante fervoroso e concorrido, sendo orador o Rvmo. Frei Raymundo Anfossi.

A missa solemne do dia, foi celebrada pelo Rvmo. P. Emilio, Salesiano, servindo de Diacono e sub-Diacono os Revmos. Padres Dr. Joaquim Alves Ferreira, digno Vigario da Parochia e José Aguirre, salesiano, occupando aquelle a tribuna sagrada ao Evangelho por mais de uma hora e trazendo o grande numero de fieis preso á sua palavra facil, docil e doutrinaria. A schola Cantorum Parochial executou com perfeição a solemne missa de «São José». A' tarde imponentissima procissão percorreu as ruas centraes destas cidade, havendo boa ordem e correc-

ção em todos os fieis, tendo comparecido os internatos—S. José e Maria Auxiliadora, que deram grande realce á mesma. 3 foram aos andores que, artisticamente enfeitados, sahiram;—o da S. S. Virgem, S. José e do Menino Jesus Durante todo o percurso da procissão rezouse o terço e cantaram-se hymnos, alternadamente com as marchas executadas pela corporação musical—«Euterpe Batataense». Muitas familias ornamentaram a frente de suas casas com finos damascos nas janellas e com grande quantidade de flores e follagens alcatifando as ruas. A' entrada da mesma, foi solememente empossada a nova Directoria, qua ficou assim constituida:—

Presidente—D. Maria Virgilina Lopes de Oliveira; Vice-Presidente — D. Rita de Andrade Noronha; 1.<sup>a</sup> Secretaria—D. Ernestina da Silva Braga; 2.<sup>a</sup> Secretaria — D. Augusta de Moraes; Thesoureira—D. Maria Augusta Leão e oito novas chefes receberam o respectivo diploma. Em seguida occupou ainda a tribuna sagrada, o incansavel Vigario P. Dr. Joaquim Alves Ferreira, que, com a sua costumada eloquencia prendeu, como sempre, a attenção de todos. Terminou-se com a Ladainha e Benção do S. S. Sacramento. São dignos de grandes elogios e fazem jus á gratidão de todos os fieis, o Rvmo. P. Dr. Joaquim Alves Ferreira, digno filho desta abençoada terra, pela sua tenacidade, boa vontade nos grandes e bons serviços que presta á causa da Religião para o que não encontra obstaculos e nem sacrificios que não sejam logo superados, e bem assim os PP. Salesianos, que, do mesmo modo prestam á Parochia seus reaes e inestimaveis serviços.

A tão illustres e piedosos Sacerdotes, bem como á Schola Cantorum, dirigida pelo competente maestro Capitão Caidio Lima e a todos os que contribuíram de qualquer forma para homenagear a Rainha das Rainhas, a Confraria agradece, penhorada, e faz votos para que tão excelsa e soberana Rainha derrame suas benções sobre todos os fieis que deram exuberante prova de sua inabalavel fé e piedade.

No dia 2 do corrente, consagrado aos mortos, pelo Revmo. Vigario foram celebradas duas missas na Egreja matriz com solemne *Libera me*, em seguida processionalmente, a grande multidão de fieis dirigiu-se para o Cemiterio Parochial, onde foi celebrada a ultima missa com *Libera me*. A Conferencia de S. Vicente de Paulo, incorporada, foi tambem ao Cemiterio Municipal, onde recitou o terço e outras orações por alma de todos as pessoas que ali foram sepultadas. Durante o dia, foram extraordinariamente concorridos por grande numero de pessoas, os dois cemiterios. Subscrevo-me com estima e consideração de V. Rvma Aut.º grato.—O Correspondente.

### Itapecerica

A visita que o Exmo. Sr. Arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva fez nesta religiosa Parochia do dia 16 do p. p. á 20 do mesmo correu com a maior animação parsível. Houve innumeras confissões e communhões e tambem um crescido numero de pessoas chismadas.

Os missionarios que acompanharam S. Excia. Rvma. fizeram diversas e eloquentissimas conferencias religiosas. Parabens aos fieis desta florescente Parochia, por saberem receber e acatar tão dignas quão illustres hospedes,

—Durante a missa de Todos os Santos a Egreja Matriz d'aqui ficou repleta de fervorosos catholicos. A mesma coisa succedeu no dia de finados.

A' romaria feita ao cemiterio foi um verdadeiro triumpho.

—A missa da primeira Sexta Feira attrahiu gr ndes numero de associados do Apostolado da oração. Houve confissões e muitas communhões.

*Itapecerica,—7 de Novembro 1909*

**Ignacio Fantico.**

## CHRISTOVÃO COLOMBO

*Unus erat mundus ; ait ille : « duo sint » et fuere.*

Era em Falos, na Hespanha. A' porta dum convento,  
Faminto, sem real, cançado e suarento,  
Bate um homem, que vem talvez de muito longe ;  
Pela mão traz um filho ainda mui creança,  
Por quem tudo supporta, em vida de provança,  
E fala ao guardião da casa, um santo monge :

Sou Christovão Colombo, um velho marinheiro,  
Genovez de nascença, o mundo quasi inteiro  
Tenho já percorrido, em dilatados annos.  
Em Pavia estudei ; mas, inda muito moço,  
Deixando-me levar da idade no alvoroço,  
Desejei conhecer os vastos oceanos.

Maritimo me fiz : vi longos, feios mares,  
Que se estendem, sem fim ; as regiões polares  
Visitei, onde o gêlo é permanente, eterno ;  
Do Occidente ao Oriente, os mares todos,  
Eu conheço e bem sei quaes são seus mil engodos,  
No calido verão, no triste e frio inverno.

Dos estudos que fiz, da vida em meu deserto,  
Disso tudo que vi, que perscrutei de perto,  
Na abobada celeste e mares iracundos,  
Certeza me ficou, real e não chimerica,  
De que, em vez de ser plana, a terra é quasi espherica  
E que pairam no além desconhecidos mundos.  
Pauperrimo que sou, sosinho nada valho ;  
Mas o fructo offereço impar de meu trabalho ;  
Ao sceptro que me der auxilio e protecção.  
Por agora, somente, a mitigar a magua  
Do caminho e da sêde, eu peço um pouco d'agua  
Por meu filho, gasalho e o caridoso pão.

Nos conventos de outr'ora havia muitos sabios

Que o tempo dividiam

Entre as rezas do côro e o estudo de alfarrabios,  
Dos genios nos guardando os lidimos labores,  
Das artes, da sciencia os divinaes labores

Que em tudo descobriam.

Recolhidos Colombo e o filho, já refeitos

Da fome e da jornada,

Querem todos ouvir do peregrino os feitos,  
Reunidos em conclave e lucida assembléa,  
Qual de Dido o palacio ouvindo a epopéa

De Troya incendiada.

Então, fala Colombo, expõe a sua crença

Noutros mundos além ;

Com calculos, comprova a todos quanto pensa,

Insistindo que a terra é espherica, não plana.

O pensar contrastando, então, da sciencia humana,  
Somente pelo bem.

Protestos da assembléa em pról das escripturas

Levantam-se geraes ;

Mas Colombo não céde ao embate das censuras ;

A assembléa convence e, em todo seu agrado,

No convento demora, amigo e socegado,

Entre as regras claustraes.

Passa o tempo e Colombo, entregue a seu destino,

Sempre e sempre cruel,

Faz imagens, que vende, humilde peregrino,

Té que, um dia, é chamado, após bem longos annos,

A mostrar, lá na côrte, os seus sonhados planos

A Fernando e Isabel.

Rasgaram-se de vez as nuvens da esperanza  
Num sublime arrebol.

Náus dirige Colombo ; o mar é de bonança :

Pouco tempo depois, em navegar fecundo,

Offerece, glorioso, um vasto e novo mundo

Ao governo hespanhol.

Foi a doze de Outubro, data memoravel

Na historia universal,

Que do ignoto surgio, immenso, incomparavel,

Novo mundo, que é o nosso, a sorridente America,

Por seu sólo e por tudo, a região feerica,

Na terra sem equal.

Entretanto, eis da sorte os mil e mil azares.

Colombo, após viver vencendo os invios mares,

Recebe, ao fim da vida ; em paga, em galardão,

Não descansão, não paz, nem terras, ne n milhões

Mas somente miseria algemas e grilhões,

Por toda parte a vil, a infanda ingratitude !

Dorme, genio do mar, illustre palinuro

Que o oceano domaste ao teu olhar seguro,

Contra incréos levantando o brado da victoria !

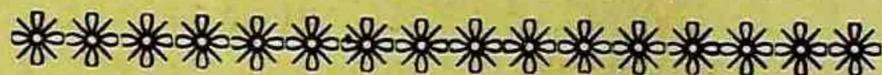
Dorme, genio do mar, descansã em tua Havana,

Que, para corrigir a inveja deshumana,

Jaz teu nome immortal nas paginas da Historia !

CARMO GAMA

*Rio Novo (Minas), X—909.*



## Revista da semana

1. 15 de Novembro.— 2. Politica.— 3. Va-  
riedades.

1. A data do vigessimo anniversario da Republica Brasileira festejou-se com grande brilhantismo.

Houve paradas militares, onde revelaram os nossos soldados e aspirantes á defesa da Patria, o progresso realizado com o trabalho da missão franceza.

Houve discursos, conferencias e tudo quanto a explosão patriotica sabe crear para essas aureas datas do calendario nacional.

A garrula creança com o espadim ao cinto sahio garbosa pelas ruas, trajada de branco e com ares de gente que sabe comprehender o significado das passeatas civis ou militares.

Muito bem ! Nada tem a Religião que condemnar nessas manifestações de jubilo. A Igreja acceita todas as formas de governo e a Republica, si não fosse athea, poderia ser tão boa, ou melhor do que a monarchia, nos paizes de America.

2. A vida politica da Republica tem apenas pelas bandas do Estado de Sergipe uma nesga de tempestade.

O dr. Nilo Peçanha julgando seu dever, interveiu no caso de Sergipe e o sr. Doria no meio de baionetas subiu os degrãos

do palacio presidencial que por espontanea e reiterada insistencia renunciára.

Manda quem pode!

— Esfregam-se as mãos os uruguayos pela generosidade do nosso illustre Ministro das Relações Exteriores sr. Barão do Rio Branco no condominio de rios de grande riqueza.

Os argentinos é que não gostam muito da pilula e mal desferçam o seu aborrecimento, emquanto dão as providencias na Europa, contratando com tres firmas importantes *destroyers* do ultimo typo.

— Os inglezes, custe o que custar, querem conservar a supremacia naval, planejando «*dreadnoughts*» de 35.000 toneladas.

Os Congressos gritam em coro, paz, paz!

E a evolução social brada implacavel e austera: *sed non erat pax!*

Os «*dreadnought*» arfando pelos mares em tom de ameaça respondem aos projectos de paz mostrando seus canhões, de fogos accessos e vomitando metralha.

As quatro potencias protectoras de Creta deram evasivas á nota diplomatica do Sultão de Turquia.

Só a Allemanha que não é parte da quadrupla, mas que encherça longe em todas as questões internacionaes, respondeu que estava enteirada do recado e que *naturalmente esperasse as circumstancias*.

— Os dois jovens monarchas, D. Afonso XIII e D. Manuel II, estiveram muito delicados e affectuosos.

O rei de Portugal recebeu na Hespanha verdadeiras demonstrações de estima e de distincção.

Comprehendem os dois esperançosos monarchas que as vantagens da união são reciprocas.

3. *Variedades*.— O movimento religioso vae em augmento pelas principaes cidades do Brasil, como infelizmente tambem se alastra a serpe da anarchia, segundo manifestou se de modo temivel nas provas de sympathia dadas ao fuzilamento de Ferrer, que aliás foi uma limpeza.

—Inaugurou-se na religiosa Bahia um *Centro Catholico*. E' presidente do centro o abalizado jornalista e homem de letras exmo. sr. cons. dr. Filinto de Bastos que no dia em que se empossou no cargo proferiu brilhante discurso, cujas ideas e burilada forma muito nos captivou.

Devemos o discurso á gentileza do illustado e operoso amigo que temos na Bahia.

Mas os bahianos não ficam satisfeitos

ainda e fundaram a Liga Catholica das Senhoras bahianas e o Circulo Catholico dos Estudantes.

Bem hajam os gloriosos bahianos que sabem-se impôr nas necessidades da hora presente e dão os combates da fé destemidamente no momento que com os direitos da Igreja periclitam os interesses da sociedade!

— Realizou-se no dia 14 a reunião regional romana da mocidade catholica, assistindo duas mil pessoas com setenta bandeiras.

Depois de uma cerimonia religiosa, foi organizado imponente cortejo, que se dirigiu ao Vaticano, sendo os manifestantes recebidos pelo Papa no pateo de S. Damaso.

Pio X, agradecido á manifestação, explicou o evangelho do dia e recomendou á mocidade perseverança na propaganda da fé e no estudo do catecismo.

— O *Drusus* que escreve cartas de Allemanha para o *Estado de São Paulo* aproveitou o ensejo para a sua clerophobia falando sobre o conde Paulo de Hoenshrech, o infeliz apostata da Religião e da Igreja. Sabe se que o desgraçado Hoensbroech foi confundido em publica discussão pelo padre Wamman em Berlim.

O *Drusus*, entre tanto, nol-o encarapita até as estrellas.

Sim, senhor! O *Drusus* está na calma Allemanha como Pilatos no Credo.

— Os que defenderam a Idea Nova de Ferrer, os que protestaram contra o governo do sr. Maura não poderão protestar contra o assassinato do Chefe de Policia de Buenos Aires pela mão do anarchista.

Emquanto não reagiu contra as ideas subversivas, emquanto queiram os idealogos assassinos não se poderão queixar-se dos assassinos practicos, mais coherentes e logicos do que os primeiros.

Os que á luz das Igrejas incendiadas e ao borbolar do generoso sangue dos abnegados discipulos da Cruz no se sentiram abalados.... veremos si sabem conservar-se calmos quando sintam os golpes da fera demagogica que lhes retalha as proprias carnes, e lhes chicotea as proprias costas e lhes queima as propriedades.

Deixae que caminhe a logica sinistra dos factos!

**Pica-pau.**

**Nossos defunctos.** — No Espirito Santo do Peixe d. Maccemilia E. de Jesus Esta Redacção mandou celebrar a missa a que tinha direito.

R. I. P.

## EXTRANGEIRO

**França.**— O juiz absolveu madame Stenheil do crime de roubo e de assassinato que pesavam sobre ella.

**Inglaterra.**— Absorve a attenção popular a visita do soberano portuguez ao rei de Inglaterra Eduardo VII.

O sympathico moço D. Manuel captivou todas as camadas da sociedade ingleza.

Em Londres, como em Madrid, D. Manuel foi cercado de todas as attensões por parte dos respectivos governos.

**Italia.**— E' objecto de todos os commentarios a satisfacção dada pela Italia ao governo de Austria, castigando o general Asinari di Bernazzo por umas palavras que o governo austriaco considerou como offensivas á honra nacional.

Nas rodas militares e politicas julga-se esse acto da Italia como uma humilhação

**Argentina.**— A fera anarchista soltou mais um rugido na Republica Argentina. Desta vez abriu a guela e enguliu o chefe de policia sr. coronel Ramos Falcon.

Não ha duvida; hontem era um monarcha europeu, hoje uma autoridade da republica que cae sob a bomba de dynamite.

Falla-se que foi um russo o assassino do coronel Falcon e que se suicidou após o attentado.

A impressão causada em toda a Republica foi enorme.

— Dias antes que isto acontecesse, os catholicos italianos davam um soberbo exemplo de fé e de piedade no Santuario de Luján. *Tres mil italianos* penetraram no Santuario de Maria recebendo 1.500 a sagrada communhão das mãos do augusto representante do Papa. Si todos seguissem estes edificantes exemplos, a sociedade não teria de temer os crimes do anarchismo.

**Uruguay.**— O povo da vizinha republica entregou se a francas demonstrações de sympathia para com o Brasil por causa do tratado approvedo já pelo Congresso de ambos os paizes, sobre o condominio e livre navegação do Uruguay na Lagoa Mirim.

**Chile.**— Volta á baila a eterna questão de Tacna e Arica. Falla-se que a guerra entre as duas republicas é inevitavel. O Perú deseja o cumprimento fiel do tratado de Ancon.

**Porto Rico.**— Em nome da Camara dos Deputados de Porto Rico sahiu publicado pela imprensa americana um manifesto

pedindo aos Estados Unidos gozar dos privilegios que tinha a ilha sob o dominio hespanhol.

O trabalho a que nos vimos referindo é a prova mais forte de quanto pode a tyrannia de um grande Estado sobre o povo opprimido e escravizado de uma pequena nação.

Quando no dominio da coroa hespanhola, a ilha de Porto Rico usufruia uma vida independente e feliz, tendo as suas duas Camaras e todos os cargos publicos, excepto o de governador (representante do rei), occupados por seus naturaes, embora tivesse o monarcha a faculdade de nomear sete membros do Conselho (a minoria). Só poderiam ser eleitos ou nomeados para ella os porto riquinhos ou pessoa *conecta*, com residencia de quatro annos e de largas propriedades na ilha.

A divisão de terras, a organisação administrativa, as leis sobre credito publico, bancos, systema monetario, ou de qualquer outro assumpto referente ao territorio insular, os tratados de commercio, as tarifas, tudo estava entregue ás duas Camaras.

Porto Rico tinha ainda a vantagem de mandar ás Cortes dezeseis deputados e tres senadores, que alli tomavam logar saliente, tendo alguns delles alcançado a sua presidencia.

Os Estados Unidos tiraram-lhe tudo isto.

E apesar de tudo, Hespanha será considerada como o symbolo de tyrannia e os Estados Unidos como o prototypo da liberdade!

Que o digam o Mexico, perdendo Texas, Novo-Mexico e California, a Colombia, roubada em Panamá, Cuba explorada e sacrificada, a America Central anarchisada e o Porto Rico, nas linhas patrioticas e esplendidas do seu manifesto.

E quanto custa lêr-se que uma terra que já foi tão livre, tem, para alcançar uma parte de sua liberdade de outr'ora, que mendigar dolorosamente ás portas do usurpador.

Positivamente, o sino de Philadelphia foi tangido só para os «yankees», e a luz do pharol da estatua de Nova York não vae além das aguas territoriaes dos Estados Unidos.

JOSÉ BELTRÃO C. M. F.

---

Com permissão da Autoridade ecclesiastica.

---

Typ. do Immaculado Coração de Maria